

# Audição dos acontecimentos começou na África do Sul

21/1/87 N

Começou ontem, terça-feira, em Joanesburgo, uma audição, organizada pela África do Sul, dos acontecimentos relacionados com o despenhamento do avião do Presidente Samora Machel, dia 19 de Outubro em Mbuizi, na África do Sul.

A audição, que se efectua numa sala do Supremo Tribunal do Rand, em Joanesburgo, abriu na presença de cerca de 30 jornalistas sul-africanos e estrangeiros. Havia também oficiais fardados da Força Aérea sul-africana e membros da comissão sul-africana de investigação.

Moçambique e a União Soviética não se fizeram representar.

Uma fonte fidedigna moçambicana disse à AIM que «factos substanciais novos», até aqui desconhecidos, haviam surgido, devendo implicar a exigência da parte moçambicana de que a investigação técnica prossiga.

A audição está a ser presidida pelo juiz sul-africano Cecil Margo, acompanhado por cinco outros elementos.

O apresentador, Cedric Puckrin, anunciou um sumário dos acontecimentos que são objecto do inquérito e chamou em seguida a primeira testemunha, Pieter Van Zyl.

Van Zyl é o responsável da parte sul-africana na Comissão Internacional de Inquérito, composta também por Moçambique e União Soviética. A sua intervenção ocupou a maior parte da manhã e consistiu na leitura do relatório da investigação, aprovado

e assinado pelos representantes dos três países, à Comissão Internacional.

O relatório é essencialmente técnico, factual e descritivo do voo do avião presidencial moçambicano no dia 19 de Outubro. Ele fala da tripulação, dos aparelhos de bordo, do combustível, da altitude, do aeroporto de destino, das operações de controlo do tráfego aéreo, do operador de serviço na noite de 19, da autópsia aos corpos dos falecidos, do local do despenhamento, da posição dos destroços, e de outros assuntos semelhantes.

Segundo a correspondente da AIM, em Joanesburgo, alguns dos factos mencionados por Van Zyl chamaram a atenção da imprensa.

O relatório lido por Van Zyl diz se encontravam sóbrios e em condições físicas de cumprirem as suas tarefas de bordo, que as suas habilitações e competência eram comprovadas e que as condições meteorológicas da noite de 19 de Outubro não eram desfavoráveis.

Após o despenhamento, e em conferências de imprensa sucessivas, o Ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, havia declarado que membros da tripulação apresentavam sinais de terem ingerido álcool e que havia mau tempo na noite de 19 de Outubro.

O relatório lido por Van Zyl diz também que o controlador da torre do Maputo foi seleccionado com base

na sua alta classificação de curso, e que o combustível nos depósitos estava de acordo com as exigências da aviação de Moçambique e a da URSS, embora fosse insuficiente para um desvio até ao Aeroporto da Beira.

Segundo uma fonte da Aeronáutica Civil moçambicana o sistema utilizado pela tripulação do «Tupolev-134» era o de escolher o aeroporto alternante à entrada em Moçambique (sobre Curila) e não sobre Maputo.

Foi também dito que, da análise dos registos do voo e outros dados de bordo (de duas das quatro caixas negras) se podia concluir que o piloto diversas vezes perguntou se as luzes da pista de Maputo estavam acesas e/ou pediu para as acenderem e que o controlador da torre não respondeu especificamente ao solicitado. Foi igualmente dito que uma unidade militar moçambicana, estacionada junto à fronteira, vira a queda do avião mas não comunicara o facto a Maputo de onde, entretanto, partiam helicópteros para uma busca. As notícias provenientes de Joanesburgo não especificavam se essa unidade militar sabia tratar-se do avião presidencial ou pensava tratar-se de um outro avião.

A audição da leitura do relatório e a observação de aparelhos de bordo recolhidos dos destroços e expostos no tribunal continuavam na tarde de ontem.